



אליהונה
Liahona



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Marion D. Hanks
Robert D. Hales
Dean L. Larsen
Richard G. Scott

EDITOR

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antônia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de
Layout

A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUE:

Mensagem da Primeira Presidência,	
As Artes Vistas do Plano do Evangelho,	
Spencer W. Kimball	1
Por Que Ela Se Importou, Helen J. Selee	6
Uma Bênção do Presidente Kimball,	
Norman Vincent Peale	49
Perguntas e Respostas, H. Dean Garret	9
Participação: A Chave do Sucesso de Nossa Noite	
Familiar, Glen W. Harper	11
Receber Todas as Coisas com Ações de Graça,	
Ezra Taft Benson	14
Abrir a Porta a um Testemunho, Theo E. McKean	34
O Evangelho Tem as Respostas Para os Problemas da	
Vida, Neal A. Maxwell	37
O Prisioneiro Missionário, Melvin Leavitt	41
Não é dos Ligeiros a Carreira, Nem dos Valentes a	
Peleja, William G. Dyer	44

SEÇÃO DAS CRIANÇAS:

"E Onde Estão os Nove?"	19
Eu e Woody, Betty Lou Mell	20
Sok-Tae, o Bom Vizinho, Anobel Armour	24
Serragem do Templo, Gertrude M. Richards	27

NOTÍCIAS LOCAIS:

Programa das Conferências de Área	17
A Igreja Prospera no Sul de Mato Grosso	29
O Templo de S. Paulo Será Dedicado em fins de 1978 ..	30
Esta é a Sua Recomendação para o Templo	32

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeui, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



As Artes Vistas do Plano do Evangelho

Presidente Spencer W. Kimball

Estrelas brilhantes têm surgido no teatro, música, literatura, artes, ciências e em todos os campos. Sempre tive uma visão dos membros da Igreja aumentando grandemente suas posições de excelência, até que os olhos do mundo se voltassem para nós.

Assim o Presidente John Taylor profetizou:

“Guardem bem minhas palavras, escrevam-nas e verifiquem como se cumprirão.

“Vereis um dia Sião muito à frente do mundo exterior, em tudo o que concerne à sabedoria, como

nos encontramos agora em assuntos religiosos.

“Deus espera que Sião se torne digna do louvor de toda a terra, para que os reis, ouvindo falar de sua fama, venham e observem a sua glória...” (Sermão proferido em 20 de setembro de 1857: *The Messenger*, julho de 1953.)

Certamente há muitos na Igreja com as qualidades de um Richard Wagner (1813-83), ou possuindo um talento quase igual ao dele, ou que ainda surgirão no futuro — jovens com amor à arte, talento e vontade de criar. Que possamos produzir homens maiores que esse compositor alemão, porém menos excêntricos e mais espirituais.

Quem não se maravilhou ouvindo *Aída*, *Il Trovatore* e outras obras-primas de Verdi (1813-1900)? Poderá haver outro compositor igual ou superior a ele? Não poderíamos desenvolver um Bach (1685-1750) — a quem, segundo muitos, a música deve tanto quanto a religião a seu fundador?

Nossa geração produzirá tais pessoas, quando nos conscientizarmos do potencial que temos e tivermos visões de nosso futuro.

Brigham Young disse: “Toda perfeição de talento, toda realização útil no campo da matemática, música e em todas as ciências e artes, pertencem aos santos.”

Ao viajar por toda a Igreja, muitas vezes maravilho-me com vozes adoráveis, onde existem qualidades superiores que, soberbamente treinadas, podem igualar ou superar as dos grandes cantores que conhecemos.

Os membros da Igreja devem ser iguais ou superiores aos outros, pois o Espírito Santo lhes proporciona luz e verdade. Temos a base para um grupo digno de pessoas talentosas, cada vez mais eficientes.

A um grande artista perguntaram qual de suas obras era a maior, e ele prontamente respondeu: “A próxima.”

Se lutarmos pela perfeição e não nos satisfizemos com a mediocridade, poderemos alcançar a mais elevada distinção. Por que não pode alguém escrever um oratório maior do que o *Messiah* de Händel? A melhor obra-prima ainda não foi com-

“... para que os reis,
ouvindo falar
de sua fama, venham
e observem
a sua glória...”

posta ou produzida. Podemos usar a vinda de Cristo aos nefitas como tema para uma grande obra-prima. Nossos artistas futuros podem compor a volta espetacular de Cristo ao continente americano em poder e grande glória, e sobre o estabelecimento do reino de Deus na terra em nossa dispensação. Nenhum compositor poderia fazer justiça a esse grande evento. Como alguém retrataria em música e verso as glórias da vinda do Pai e do Filho e a restauração das doutrinas do Sacerdó-



A Bolsa Verde, de Lee Greene Richards (1904), óleo de 2,00m por 1,15m, Museu de Artes Clássicas de Utah, Universidade de Utah.

George Albert Smith, de autoria de John Hafen (1904), 0,56m x 0,68, quadro a óleo exposto no Departamento Histórico, Divisão de Administradores.



Funeral no Campo, de LeConte Stewart (1948), óleo de 0,56m x 0,76m, coleção particular.



Corte do Feno, de Lorus Pratt (1894), óleo de 0,76m x 1,22m, Sociedade Histórica do Estado de Utah.

cio e suas chaves, a menos que fosse um inspirado SUD, profundo conhecedor da história, doutrinas e revelações, e possuidor de habilidade e treinamento musical?

O dramaturgo irlandês George Bernard Shaw (1856-1950) assim resumiu uma característica da vida: "Muitos perguntam: POR QUÊ? Mas eu sonho com coisas que nunca existiram — e digo: POR QUE NÃO?" Precisamos de gente que sonhe com coisas que jamais foram realizadas, e pergunte: "POR QUE NÃO?"

A excelência e qualidade são um reflexo do que sentimos pela vida e por Deus

Que dizer do violinista italiano Niccoló Paganini (1782-1840)? Por que não descobrimos, treinamos e apresentamos muitos Paganini e outros artistas de igual talento? E por que não apresentamos ao mundo musical um pianista que supere o assombroso poder de execução e sublimidade de sentimentos que possuía Litz, o célebre pianista e compositor húngaro (1811-1886)? Minha esperança é ver e ouvir em um piano alguém maior que Paderewski, estadista e compositor (1860-1941). Sei que todos os Paderewski não nasceram na Polônia no século passado; que todos aqueles com essa notável originalidade criativa não

se concentraram apenas nesse corpo e duas mãos! Certamente esse pianista notável não foi o único de seu gênio que nasceu!

Perguntamos então: "Não existirá um outro Michelângelo?" Oh, sim! Seu *Davi*, em Florença, e seu *Moisés*, em Roma, inspiram-nos até hoje. Esgotaram-se esses gênios no século passado? Não encontraríamos outro talento assim vibrante, mas livre da imoralidade, sensualismo e intolerância?

Consta que muitos artistas, apesar de pervertidos e degenerados, tornaram-se grandes e célebres. Qual seria o resultado, se houvesse um talento semelhante em homens limpos e livres de todos os vícios, tendo assim direito a receber revelações?

Falemos de um Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês, autor de prodígios como *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear* e *Macbeth*. Surgiu alguém mais versátil, talentoso e surpreendente? Será que o mundo só pode produzir um Shakespeare?

Como o nosso mundo precisa de estadistas! E perguntamos como Bernard Shaw: "Por que não?" Podemos dar o máximo em matéria de treinamento e recursos. Temos o clima espiritual. Treinemos estadistas, não demagogos; homens íntegros, não pusilânimes, que por um prato de lentilhas venderiam sua primogenitura. Precisamos desenvolver nossos preciosos jovens para que conheçam a arte da diplomacia, suas condições, situações, problemas e exemplos de homens honestos, íntegros e de conceitos

espirituais, que não comprometam seus princípios.

Há anos, espero alguém que registre em canção e história, pintura ou escultura, a restauração do Evangelho, o restabelecimento do reino de Deus na terra, as vicissitudes, apostasia e conflitos daquelas primeiras eras; o êxodo; as transições; os dias de perseguição; o milagroso Joseph Smith, sobre quem cantamos: "E assim arrebatado... porque viu o Pai de amor." (*Hinário SUD*, n.º 97); e o extraordinário colonizador Brigham Young.

Orgulhamo-nos da herança artística que a Igreja nos legou desde seu início, mas a história completa do mormonismo ainda não foi escrita, pintada, esculpida ou relatada. Permanece escondida, à espera de talentos que *ainda não* se revelaram. Que esses membros da Igreja sejam fiéis e inspirados, para que possam dar vida e sentimento a temas de tamanha dignidade. Tais obras-primas permaneceriam em cartaz durante meses, nas mais diversas línguas, escritas por grandes artistas e louvadas pelos melhores críticos.

Nossos escritores, nossos produtores cinematográficos, sob a inspiração dos céus, futuramente serão capazes de produzir uma obra-prima que viverá para sempre. Impelidos por uma META LOUVÁVEL, colocariam em tal história, vida, pulsações e emoções, amor e sensibilidade, drama, sofrimento, medo e coragem; seu personagem seria o grande líder, o moderno Moisés que guiou o povo mais além de do

Egito a Jericó, que operou milagres tão grandes quanto o de brotar uma fonte da rocha de Horeb, produzir maná no deserto, uvas gigantescas, chuvas quando necessitavam, e vencer imensas hordas.

Tomem um Nicodemos e coloquem nele o espírito de Joseph Smith, o que teremos? Tomem um Da Vinci, um Michelangelo, um Shakespeare e dêem-lhes o conhecimento do plano de salvação de Deus, e a revelação pessoal, purifiquem-nos e depois observem as obras-primas que surgirão. Tomem um Händel, com seu soberbo talento, seu desejo, e dêem-lhe uma visão de toda a verdadeira história e revelação, e que grande mestre terão:

“Não existirá um outro
Michelângelo?
Será que o mundo
só pode produzir um
Shakespeare?”

Reconheçamos que a excelência e qualidade são um reflexo do que sentimos por nós mesmos, pela vida e por Deus. Se não dermos importância a tais fatores básicos, esse descaso se refletirá em nosso trabalho, e ele se tornará mesquinho e insignificante.

O verdadeiro artífice reflete o real cuidado, que, por sua vez, é um reflexo da atitude que temos por nós mesmos, pelo próximo e pela vida.



Porque Ela Se Importou

Helen J. Selee

Era uma visão patética — eu, de traje havaiano e colares de flores murchas, com três crianças, a mais velha de apenas cinco anos, muito cansadas e com olheiras. Sentia-me totalmente perdida e solitária, no enorme aeroporto de São Francisco, às 2:30 da madrugada.

Perguntei a um homem de um dos guichês se a cidade era muito longe. Ele me disse que, se eu me apressasse, ainda pegaria o último ônibus. Ajudou-me com a bagagem e fez parar o ônibus. Nem tive tempo de agradecer-lhe.

O ônibus encaminhou-se para seu destino e deixou-me com três crianças, quatro malas e dois baús, numa calçada qualquer de São Francisco.

Estava quase em pânico, quando comecei a procurar um telefone para chamar um táxi. Felizmente, informaram-me sobre um pequeno e limpo hotel a seis quarteirões dali, e assim, às 4:00 horas da manhã, coloquei as crianças na cama, e finalmente mergulhei exausta num profundo sono.

Nos dias seguintes, comemos num restaurante das redondezas e passamos a maior parte do tempo num

parque a dois quarteirões do hotel. As crianças corriam e brincavam, e eu agradecia por serem pequenas e, assim, não perceberem nossa situação.

Tínhamos vivido no Havaí por dois anos com meu marido, um pastor-estudante de uma pequena igreja. Mas, as crianças *eram sujeitas a tantos maltratos* físicos, porque o pai acreditava que “os vergões das feridas são a purificação dos maus” (Prov. 20:30), que não mais suporrei. Quando suas punições pioraram, reconheci que meu dever de mãe era protegê-las de tal tratamento. Portanto, após orar bastante, entendi não haver outra escolha senão abandoná-lo e construir uma vida melhor para eles. Eu não podia ir para junto de meus pais, no centro-oeste, porque meu pai sofrera um derrame recentemente e, portanto, estava sem condição de ter as crianças pequenas a seu lado. Nunca me havia sentido tão solitária em toda minha vida. As crianças me davam forças para prosseguir.

No terceiro dia, cheguei à conclusão de que tinha que tomar providências. Não sabia nem onde procurar trabalho. Além de tudo, o

que fazer com as crianças, enquanto ia trabalhar? Também não podia escolher uma babá no jornal e sentir-me segura, deixando meus filhos com ela. E se ficasse mais alguns dias no hotel, meu dinheiro se acabaria e haveria problemas piores.

Telefonei para três ministros da igreja à qual estivera filiada, e assegurei a cada um que não pedia dinheiro, apenas um conselho. Cada um me perguntou: "Você é membro de nossa religião?" Respondi francamente que estava tão confusa naquele momento, que não tinha certeza de nada. E cada um dos três deu-me a mesma resposta: não me ajudariam, por terem muitos de seu próprio rebanho para cuidar. Minha amargura se tornou mais profunda, e eu duvidava de que conseguiria algum auxílio.

Ao deixar o Havaí, alguns amigos vieram despedir-se. Casualmente, um era mórmon inativo, e ao dizer adeus acrescentou: "Se precisar de ajuda, chame a minha Igreja. Eles a ajudarão."

A única coisa que sabia dos mórmons era que tinham um ótimo Coro do Tabernáculo. Não gostava de pedir ajuda, muito menos a uma igreja que jamais visitara, mas estava desesperada, e não havia outra saída. Na lista telefônica, encontrei inúmeros telefones de igrejas mórmons, portanto escolhi o de uma, chamada casa da missão, julgando estar mais apta a ser compassiva. Um jovem élder atendeu o telefone, e eu lhe contei o mesmo que dissera aos três ministros: que não precisava de dinheiro, mas necessitava desesperadamente de conselho. Ele respondeu-me que

pessoalmente não poderia ajudar-me, mas pediria a alguém que me telefonasse. Desliguei meio desconfiada de que nunca mais o ouviria.

Para minha surpresa, em dez minutos recebi um telefonema de uma amável senhora que me ouviu e concordou que eu realmente precisava de ajuda. Pediu-me que reunisse minha bagagem, chamasse um táxi e fosse encontrá-la em trinta minutos no terminal de ônibus de Berkeley. Em seguida, descreveu seu carro, como estaria vestida e acrescentou: "A propósito, você é membro da Igreja?"

"Lá vem a mesma arenga," pensei cinicamente. Apesar de tudo, respondi: "Não, não sou."

"Não importa," disse. "Só queria saber. Encontro-a daqui a meia hora."

Juntei minhas coisas, arrumei as crianças, paguei o hotel e dirigi-me para Berkeley. Estava um pouco desconfiada da disposição voluntária daquela mulher em ajudar uma estranha, mas, naquele ponto, dispunha-me a aproveitar qualquer auxílio que aparecesse.

Primeiramente, levou-nos para almoçar. Soube depois que era esposa de um homem chamado O. Leslie Stone (hoje membro do Primeiro Quorum dos Setenta), naquela época presidente de estaca da cidade. Ela colocou-nos numa pensão e prometeu-me fornecer os nomes de algumas babás. *Tudo isto*, apesar de eu ter extravasado minha amargura por igrejas de qualquer tipo, e minha intenção de não mudar de idéia.

Ela pareceu não se incomodar com a minha atitude antagônica,

nem tentou converter-me ou criticar-me. Até mesmo pareceu agir como se eu é que lhe fizesse um favor, deixando-a ajudar-me. Lembrei um versículo da Bíblia: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:35.)

Nos dias seguintes, a irmã Stone visitava-me todos os dias. Consegui-me uma babá, membro de sua Igreja. Ajudou-me a encontrar um pequeno apartamento mobiliado e mudar-me para ele. Deu-me também indicação para obter um emprego temporário. Ainda assim, não me fazia prédicas. Aquilo me surpreendia, em meu pensamento vinha aquela Escritura: “Se vos amardes uns aos outros. . .”

No apartamento que aluguei, encontrei um livro mórmon, “*Regras de Fé*”, de James E. Talmage. Nunca soube se a irmã Stone o colocou ali secretamente, ou se foi deixado pelo antigo inquilino. Comecei a lê-lo aos poucos, depois que as crianças iam para a cama, só porque não tinha nada que fazer.

Naquelas primeiras semanas, todo sábado a irmã Stone passava para perguntar se eu gostaria de ir com ela à Igreja no domingo, e não se zangava com a minha recusa cortês. Nessa ocasião, já estava profundamente interessada pelo livro. Nunca ouvira falar dos ensinamentos que continha, embora houvesse estudado fielmente a Bíblia. Muitas coisas que lia me faziam refletir ou francamente discordar, por isto comecei a anotar esses itens.

Certo sábado, quando a irmã Stone passou para me convidar, ainda recusei, mas disse-lhe que ti-

nha algumas perguntas e gostaria de discuti-las com seu pastor. Dali a alguns dias, fui visitada por Marvin Turner e sua esposa, que disseram ser missionários de estaca e pretendiam responder às minhas dúvidas. Quase desafiadoramente, trouxe as perguntas: sete páginas ao todo. O irmão Turner respondeu que não sabia todas as respostas, mas tinha certeza de que, através da Igreja, poderia esclarecê-las. Através da paciência e ternura dos Turner, cheguei ao ponto de orar sobre a veracidade das coisas que me haviam ensinado. Comecei a frequentar a Igreja, e algum tempo depois, fui batizada. Entretanto, quando me mudei de cidade, perdi o contato com meus novos amigos. Casei-me de novo e tive outros filhos.

Isto foi há muitos anos. Agora, quando assisto à reunião sacramental, e enquanto um de meus filhos passa o sacramento e outro o abençoa, vejo crescer o testemunho de cada um deles. Nesse instante, penso nas pessoas que se filiaram à Igreja porque outros lhe pregaram o Evangelho, e também em nossos ancestrais falecidos, que tiveram seu batismo, endowment e selamento feitos através de nosso trabalho genealógico.

Lembro-me bastante da adorável irmã Stone e da acolhedora família Turner, que se encontram entre o grande número de santos que, não tenho dúvidas, continuam a servir o Senhor com todo o zelo, e me pergunto como posso recompensar os que cuidaram tanto de alguém tão rebelde. E a resposta soa alta e clara: “Vai, e faz da mesma maneira.” (Lucas 10:37.)

Perguntas e Respostas

*Perguntas de interesse
geral do Evangelho,
respondidas
como orientação,
não como pronunciamentos
oficiais das
normas da Igreja.*



Devo apoiar alguém a um ofício na Igreja, quando creio que ele não será um bom líder? Que acontecerá se não apoiá-lo?

H. Dean Garrett,
Diretor do Instituto de
Religião SUD
de Holbrook, Holbrook,
Arizona.

Numa revelação dada a Joseph Smith, Oliver Cowdery e John Whitmer, em julho de 1830, o Senhor instruiu:

“E todas as coisas serão feitas de comum acordo na igreja, por meio de muita oração e fé, pois todas as coisas recebereis pela fé. (D&C 26:2.)

Numa revelação anterior sobre o governo e organização da Igreja, em abril de 1830, o Senhor indicou

que “Nenhuma pessoa deverá ser ordenada a nenhum cargo nesta igreja, onde houver um ramo dela organizado segundo regulamento, sem o voto da igreja.” (D&C 20:65.)

O élder Joseph Fielding Smith afirmou: “Nenhum homem pode presidir nesta Igreja, em qualquer posição, sem o consentimento do povo. O Senhor deu-nos a responsabilidade de apoiar, através de votação, aqueles que são chamados a posições de responsabilidade: A menos que o povo decida em contrário, ninguém pode presidir qualquer grupo de santos nesta Igreja. Contudo, não tem o direito de indicar e escolher, pois esse direito pertence ao Sacerdócio.” (*Doutrinas de Salvação*, vol. 3, 123.)

O Élder Joseph Fielding Smith explicou que é preciso muito cuidado para não votar em contrário, e que jamais se deve dar tal voto por motivos pessoais. Ele afirmou: “Não tenho o direito de opor-me a um homem que é indicado para qualquer posição nesta Igreja, só porque não o aprecio, ou por alguma discordância ou ressentimento que possa ter. Só votarei em contrário, se souber que ele é culpado de pecado ou transgressões às leis da Igreja, que o desqualificariam para a posição que foi chamado.” (*Doutrinas de Salvação*, 3:124.)

Mesmo assim, o Senhor deu a cada indivíduo o direito de votar de acordo com sua consciência. Se votar contra, terá o dever de explicar ao oficial presidente, em segredo, por que votou em contrário. Assim, saber-se-á se a objeção é válida, ou se a pessoa é digna de servir. Se o

voto em contrário é sem fundamento, o que foi chamado servirá naquele ofício.

Lembre-mo-nos de que, sob condições adequadas, é o Senhor que inspira os chamados para servir na Igreja; o oficial presidente é um agente do Senhor ao fazê-lo. Portanto, antes de se dar um voto negativo, é preciso cuidadoso exame através de oração. Todo membro tem o direito, entretanto, de saber, por meio da inspiração e revelação, que o oficial presidente está em sintonia com a diretriz do Senhor. Todo membro da Igreja pode ter essa certeza.

É possível termos dúvidas quanto à qualificação de alguém que foi chamado para uma posição na Igreja. Certo irmão que conheço aprendeu uma grande lição sobre isso. Há uns anos, quando supervisor dos mestres familiares de uma ala, necessitou motivar certo mestre familiar a cumprir seus deveres. Ele teve que fazer suas visitas durante seis meses seguidos. Em certa reunião sacramental, meu amigo viu-se diante da responsabilidade de apoiar aquela mesma pessoa para ser membro do bispado. Estava em dúvidas se devia apoiar um homem que não cumprira seus deveres

como mestre familiar da ala e que, em sua opinião, não estava habilitado a ser um bom membro do bispado. Relutante, deu seu voto positivo. Nos meses seguintes, o preguiçoso mestre familiar levou avante seu trabalho e serviu com êxito naquele chamado, e depois como bispo, sumo conselheiro e conselheiro da presidência da estaca.

Apoiar alguém é uma responsabilidade sagrada indicando publicamente que ajudaremos quem foi chamado para ocupar uma posição. Afirmou o Presidente Harold B. Lee: "Quando você vota afirmativamente, faz um solene convênio com o Senhor de que dará todo o seu apoio, sem reservas, ao oficial em quem votou." (*Conference Report*, abril de 1970, p. 103.) Esse gesto implica grande responsabilidade.

A prática da lei do comum acordo permite que avaliemos nossa posição e coloca nosso pensamento e compromisso em sintonia com os do Senhor. Assim explicou o Presidente Charles W. Penrose: "O Todo-Poderoso designou, ao organizar esta Igreja, que a voz do povo responderia à voz do Senhor, e são essas vozes em conjunto que sancionam todas as coisas nesta Igreja." (*Journal of Discourses*, 21: 45.)

Nenhum homem pode
presidir nesta Igreja, em qualquer posição,
sem consentimento do povo.

(*Joseph Fielding Smith*)

Desde que termina o jantar até quando vamos dormir, nossa noite familiar é mágica — o ponto alto da semana. Por quê? Porque, ao invés de só usar o manual, centralizamos na segunda-feira nossas atividades familiares.

Na primeira parte, realizamos o *conselho familiar*. Ao redor da mesa de jantar, com papai assumindo a direção, discutimos os assuntos familiares. Esta é uma reunião produtiva até para os filhos menores,

pois fazemos anúncios importantes, debatemos e elogiamos o que foi feito pelas crianças durante a semana.

Também discutimos os planos para a família, tanto assuntos como uma viagem para daqui a alguns meses, como planos imediatos, de tarefas domésticas ou um piquenique no sábado.

A segunda parte da noite familiar é a própria lição. Reunimo-nos *todos* — até os menores — e can-

PARTICIPAÇÃO: A Chave do Sucesso de Nossa Noite Familiar

Glen W. Harper



tamos hinos, oramos e temos uma lição em que todas as crianças participam.

A terceira parte começa, quando as crianças vão dormir. Então, minha mulher e eu usamos uma hora ou mais, antes de nos recolhermos, para ler, escrever cartas, conversar, fazer genealogia e discutir problemas em que as crianças são muito jovens para participar. Esta é uma hora especial para os adultos.

As três partes permitem-nos envolver as crianças nas decisões, dando-lhes uma oportunidade de ensinar a lição, servir os refrescos, reger o hino. Também deve sobrar algum tempo para um debate e atividade adulta que minha mulher e eu precisamos tanto quanto as crianças necessitam de sua parte. Quando nossos filhos crescerem, poderão participar também da parte adulta da reunião familiar.

É natural termos problemas com crianças irrequietas durante as lições. Mas é assim que demonstram seu desejo de participar. Para ficar mais fácil, fizemos um gráfico semanal com seis designações: o hino de abertura, a primeira oração, a lição, a oração de encerramento, os refrescos e os jogos ou atividades. À medida que as crianças crescem, mais designações serão acrescentadas ao gráfico, para que cada uma tenha uma participação importante.

Temos um “palco” em nossa sala de estar. Todo aquele que está lá — para dar a lição, orar, dirigir a música — é o centro de toda atenção. As crianças adoram o “palco” e costumam prepará-lo cuidadosamente.

Nossa família gosta muito de surpresas. Por isso, as lições, refrescos e outros preparativos, são feitos em segredo.

O hino de abertura em geral coincide com o que as crianças aprenderam há pouco na Primária ou na Escola Dominical Júnior, e às vezes cantamo-lo repetidamente até que todos aprendam. Até as crianças menores gostam de cantar conosco.

Usamos o manual para as nossas lições, porque suas idéias nos têm sido valiosas. Porém, jamais o lemos na reunião. Em vez disso, preparamos uma lição tão logo termina a anterior. Começamos, por volta dos dois anos, a ensinar nossos filhos a dar as lições. A princípio, temos que ajudá-los, mas quando chegam aos quatro anos, já conseguem apresentar quase tudo sozinhos.

É óbvio que, de dois ou quatro anos, as crianças não sabem ler. Por isso, lemos com cuidado a lição, para ver que conceitos elas aprendem melhor. Não podemos subestimar sua habilidade, pois frequentemente elas podem compreender mais do que pensamos.

Depois, contamos as histórias para a criança designada a dar a lição. Se ela quiser a ajuda das outras, poderá discutir esse fato conosco; se aprovarmos, são feitas as designações. Então as ajudamos a reunir seus auxílios visuais para usarem na lição.

Usamos linguagem figurativa simples para ajudá-las no esboço da lição, para servir como lembretes ao apresentarem a aula. Por exemplo, uma interrogação (?) significa uma pergunta que elas devem formular.

O desenho de um livro aberto significa que devem contar uma história. As pistas podem-se tornar mais complexas à medida que elas crescem.

Naturalmente, é necessário bastante tempo de preparação durante a semana — e é exatamente isso que torna a criança tão interessada pela reunião familiar. A noite de segunda-feira nunca as encontra desprevenidas, pois trabalharam toda a semana para essa ocasião!

Basta repetir duas ou três vezes uma história, para que uma criança a memorize. Não imaginávamos a rapidez com que nossos filhos aprendem e é surpreendente quanta confiança eles conseguem adquirir e quão rápido começam a procurar novas oportunidades de aprendizado.

Quando é a criança que está dando a lição, não a apressem. Se esquecer o que significa determinado símbolo, apenas encorajemo-la a estudá-lo, até que consiga lembrar-se. Se as ajudarmos com auxílios e lembretes, elas começarão a esperá-los e pedi-los, mesmo quando não necessitarem deles. Porém, quando se acostumam a confiar em si mesmas,

descobrem que realmente *têm* a habilidade de realizar as coisas por si!

Esta é, a meu ver, a chave do sucesso das nossas reuniões familiares. Damos o menor auxílio possível, embora ofereçamos tudo o que é necessário. O mais importante é o processo, e não o resultado. Pode ser que a criança não dê a lição tão bem quanto o professor da Escola Dominical, mas o que realmente importa é que tenha a experiência de preparar a lição e apresentá-la. Nesse ponto, acontece a surpresa: não demora muito e essas lições, hinos, refrescos, orações e jogos — serão tão bons quanto os apresentados pelos mais velhos.

Essa é a mágica de nossas noites familiares: que as crianças participem, e assim apreciem cada minuto da reunião familiar.

Minha mulher e eu não temos a noite familiar *somente* para as crianças pequenas. Também temos necessidades que apenas uma boa reunião familiar pode preencher. É assim nossa reunião familiar, composta de três partes, tornando as noites de segunda-feira mágicas para *todos* nós.

Pode ser que a criança
não dê a lição tão bem quanto o professor
da Escola Dominical.

O importante é que prepare e apresente
a lição.

Receber Todas as Coisas com Ações de Graças

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente do Conselho dos Doze
Ilustração por Jerry Thompson



E sta Escritura, de Doutrina e Convênios, será o tema de meu discurso:

“E aquele que com ações de graças, receber todas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais.” (D&C 78:19.)

É uma gloriosa Escritura. Também na seção 59 de Doutrina e Convênios há uma significativa declaração:

“E em todas as coisas renderás graças ao Senhor teu Deus.

“Em retidão oferecerás um sacrifício ao Senhor teu Deus, sim, o de um coração quebrantado e um espírito contrito.” (D&C 59:7-8.)

E o Senhor prossegue, falando sobre o dia santificado:

“E, para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado” (D&C 59:9.)

Depois, ao concluir, acrescenta:

“E, se fizerdes estas coisas com ações de graças, com corações e rostos alegres,...

“Na verdade eu digo que, se assim fizerdes, a plenitude da terra é vossa, as feras do campo e as aves do céu, e o que sobe nas árvores e anda sobre a terra;

“Sim, e a erva e as coisas boas que provêm da terra, quer sejam para alimento quer para vestuários, para casas, estábulos, pomares, hortas ou vinhas.

“Sim, todas as coisas que provêm da terra na sua estação, são feitas para o benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos, como para alegrar o coração;

“Sim, para alimento e para vestuário, para gosto e para cheiro, para fortalecer o corpo e avivar a alma.

“E agrada a Deus ter dado ao homem todas estas coisas; pois para este fim foram feitas, para serem usadas com discernimento, sem excesso ou extorsão.”

Então vem esta advertência: “E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua

ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos.” (D&C 59:15-21.)

O Profeta Joseph teria dito que uma das maiores faltas dos SUD é a ingratidão. Creio que muitos não pensam ser esse um pecado grave. Nossa tendência, em nossos pedidos ao Senhor, é solicitar bênçãos além das já recebidas. Há ocasiões em que devemos dedicar mais nossa gratidão pelas bênçãos que já recebemos. Precisamos das bênçãos diárias que o Senhor nos concede, mas nos esquecemos de agradecê-las.

Também o Presidente Brigham Young afirmou ser esse um dos maiores pecados dos santos. Tal acontece não por sermos menos gratos que os outros, mas porque temos muito mais para agradecer.

Como Santos dos Últimos Dias, deixamos de reconhecer muitas bênçãos que recebemos. Acredito que não cremos que exista algo de especial nas bênçãos que recebemos.

Ao findar a II Guerra Mundial, recebi um telefonema de multimilionário de Nova Iorque, dono de uns 30 milhões de dólares. Seu filho estava num superlotado acampamento militar, perto do Lago Salgado. O rapaz sentia-se abatido, e seu pai, preocupado com ele, pediu-me: “Você me faria o favor de chamá-lo ao telefone, para animá-lo um pouquinho?” Eu respondi: “Será um prazer.” Então telefonei ao rapaz e o convidei para conversarmos um pouco.

Levei-o até minha casa para jantar conosco. Assim, tivemos o nosso jantar e a nossa oração. Logo, de-

pois, divertimo-nos ao redor do piano, interpretando algumas canções. E, depois de conversarmos um pouco, levei-o até o ônibus. Alguns dias depois seu pai me escreveu e citou um trecho da carta que recebera do filho: “Pai, não sabia que existiam pessoas neste mundo que viviam daquela maneira.” Sim, às vezes não reconhecemos nossas bênçãos. Ali estava um homem valendo milhões de dólares — podia dar a seu filho tudo o que o dinheiro podia comprar — e ainda assim, coisas tão simples como a oração e devoção no lar, haviam-no superado.

Sejamos mais gratos. A gratidão é um dos sinais de verdadeira força de caráter. Precisamos ter mais desse espírito em nossos lares, em nossas associações diárias, na Igreja, em toda parte. Nada custa. É tão fácil cultivar o espírito de gratidão como é fácil também ter inveja de outras pessoas.

Recordo uma lição recebida numa pequena ala do estado da Idaho, pelo qual viajei por oito anos, estando em cada uma de suas cidades e vilas. Não raro ficava fora de casa durante duas semanas, e, quando voltava, como era líder da estaca, partia novamente para uma reunião. Minha mulher dizia: “Quando você não está viajando, está em reuniões.” Certa vez, uma de minhas filhas pequenas veio até a porta, e disse: “Venha visitar-nos novamente, papai.”

Sentia muitas saudades de minha família, e num certo domingo, a caminho de Whitney, pensava nos meus que estavam tão longe. Cheguei um pouco antes de começar a reunião.

Já havia vários grupos de famílias compostos de pai, mãe e filhos, e eu conhecia praticamente todos eles.

Finalmente a reunião começou, e foi chamado para dizer algumas palavras. Enquanto eu estava sentado lá, fiquei pensando: “Não seria maravilhoso, se você pudesse estar em casa aos domingos, e ir à igreja com sua família?” Pois bem, ao apresentar-me, quem dirigia a reunião disse: “Irmãos e irmãs, não seria maravilhoso, se tivéssemos um emprego como o do irmão Benson? Ele passa o tempo todo viajando por este grande estado de Idaho.” Então eu pensei: “Sim, as bênçãos dos outros sempre nos parecem melhores que as nossas.”

Que sejamos felizes onde estamos e gratos pelas bênçãos recebidas, aqui e agora; que tiremos o máximo proveito de nossos desafios e não tenhamos inveja dos outros.

Deus nos ajude a sermos gratos. Alguém disse que o ingrato é como um porco que está embaixo de uma árvore, comendo as maçãs, sem jamais olhar para cima, para ver de onde elas vêm. Costumamos olhar para cima e ver de onde emanam as nossas bênçãos?

Deus nos ajude a sermos gratos por nossas bênçãos e jamais sermos culpados do pecado da ingratidão.

“E aquele que com ações de graças receber todas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais.” (D&C 78:19.)

“E agrada a Deus ter
dado ao homem todas estas coisas;
pois para este fim
foram feitas, para serem usadas
com discernimento,
sem excesso ou extorsão.”

Programadas Conferências de Área

Quatro Conferências de Área foram programadas para 1978, anunciou a Primeira Presidência. Serão em: Johannesburgo, África do Sul, a 23 e 24 de outubro, Montevidéu, Uruguai, de 26 a 27 de outubro; e São Paulo, Brasil, de 3 a 5 de novembro. A África do Sul e o Uruguai terão Conferências de Área em seu território pela primeira vez.

Destinadas a transmitir conselhos específicos das Autoridades Gerais aos membros em sua terra natal, as conferências incluirão sessões gerais para os membros e o público em geral, e para pais e filhos, mães e filhas.

BRASIL

O ponto alto da Conferência de Área no Brasil será a dedicação do templo de São Paulo. Desde 1971, realizaram-se 36 conferências de área em 36 cidades diferentes. O Presidente Kimball compareceu a todas, presidindo 32 delas. Mais de 300.000 membros, de 46 países, a elas assistiram.

ÁFRICA DO SUL

Na África do Sul, há 7.000 membros, organizados em uma estaca e uma missão. De 1930 para cá, observa-se significativo crescimento da Igreja ali, pois naquela data havia apenas 800 membros no país.

A África do Sul foi aberta ao trabalho missionário em 1853, pelos élderes Jesse Haven, Leonard I. Smith e William Walker. O élder Smith batizou um homem na cidade de Nowbury, berço do primeiro ramo da Igreja na África do Sul. Muitos dos novos membros imigraram para Utah. Em 1865, a responsabilidade pelos 250 membros da Igreja que permaneceram no país foi assumida pelos élderes locais e a Igreja não mais enviou missionários durante 40 anos.

URUGUAI

Desde 1903, o crescimento e desenvolvimento da Igreja tem sido constante. Em 1947 foi estabelecida uma missão em Montevidéu. Um ramo da Igreja havia sido estabelecido em 1944 mas consistia de funcionários do governo americano. Ao terminar a II Guerra Mundial, quase todos os membros daquele ramo ou voltaram aos Estados Unidos ou foram transferidos.

Frederik S. Williams, primeiro presidente da missão no Uruguai, supervisionou os primeiros esforços para estabelecer a Igreja ali e no fim de 1947 havia quatro ramos organizados em Montevidéu. Hoje, há 23.000 membros, seis estacas e uma missão no Uruguai. A missão do Paraguai foi organizada recentemente, em meados de 1977.

A IGREJA NA ARGENTINA

Logo após as Conferências de Área na África do Sul e Uruguai, o Presidente Kimball e sua comitiva seguirão para Buenos Aires, Argentina. Realizou-se uma Conferência de Área em 1975 e de lá para cá a Igreja cresceu de 29.000 para 34.000 membros. A Argentina tem sido um dos principais núcleos de trabalho missionário na América do Sul desde 1925, quando Melvin J. Ballard, do Conselho dos Doze, dedicou a terra à pregação do evangelho.

A Argentina tornou-se missão independente em 1935. No princípio tinha apenas 14 missionários, 250 membros e um portador local do sacerdócio. Hoje, há um grande número de membros organizados em 6 estacas e 4 missões.

**Firmes,
Marchai!**

A IGREJA NO BRASIL

Como a Argentina, o Brasil teve sua Conferência de Área em 1975 quando o Presidente Kimball anunciou o primeiro templo na América do Sul.

A obra missionária começou no Brasil em 1929. O País fazia parte da Missão Sul-Americana, com Reinhold Stooft como presidente da missão. Em 1935 a missão brasileira foi estabelecida em São Paulo. Por volta de 1957 havia 115 missionários no Brasil e 2.413 pessoas nos registros da Igreja. Hoje há 11 estacas e 4 missões organizadas no País, com 50.000 membros na Igreja.



CONVITE AOS EX-MISSIONÁRIOS

O supervisor da Área Eclesiástica no Brasil, Élder William G. Bangerter, convida todos os ex-missionários no Brasil para assistirem com suas famílias à conferência dos ex-missionários no Brasil, que será realizada no dia 15 de abril de 1978, às 19 horas na capela da Ala V da estaca São Paulo à rua Francisco Morato 2390, Caxinguí. Esta será a primeira conferência anual para ex-missionários que serviram no Brasil.



"E Onde Estão os Nove?"

(Lucas 17:11-19.)



Ao seguir para Jerusalém, nas imediações de certa aldeia, Jesus encontrou dez leprosos (lepra — doença que desfigura a pele e o corpo), que haviam sido expulsos de perto de suas famílias e amigos por serem considerados “impuros”. O povo erroneamente supunha que a lepra era muito contagiosa.

Os homens viram o Salvador e clamaram: “Mestre, tem misericórdia de nós.” Condoeu-se Jesus e desejou ajudá-los.

“Ide e mostrai-vos aos sacerdotes,” disse Jesus a eles. E aconteceu que indo eles, ficaram curados.

Quando um dos homens, um samaritano, viu que seu corpo fora curado, voltou até Jesus, elevando louvores ao Pai Celestial por sua recuperação. Então o homem se ajoelhou aos pés do Salvador e agradeceu aquele milagre.

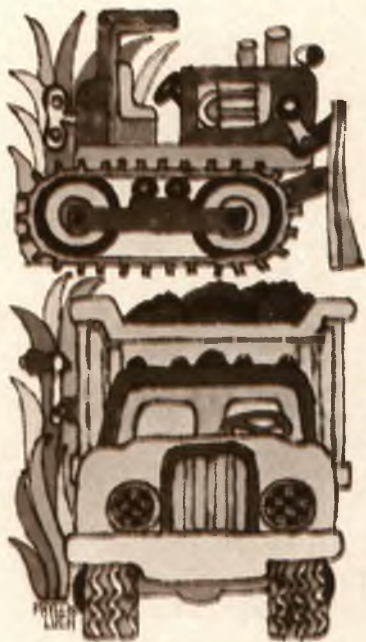
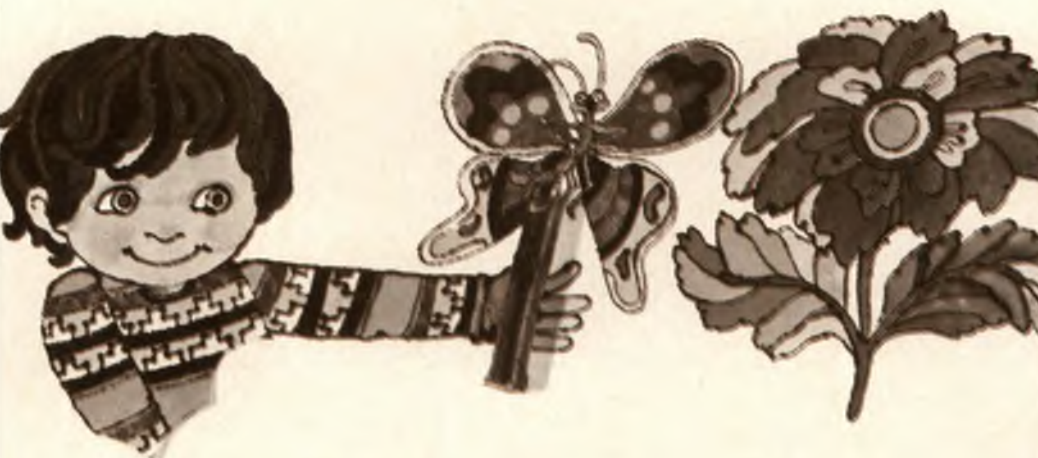
Jesus perguntou ao samaritano: “Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?” Jesus estava triste, pois apenas um dos dez que foram curados se lembrou de agradecer ao Pai Celestial por sua grande misericórdia. Estava satisfeito, entretanto, porque o samaritano compreendera a bênção e expressara sua gratidão. Jesus disse-lhe, ternamente: “Levanta-te e vai-te; a tua fé te salvou.”



Eu e Woody

Betty Lou Mell

Ilustração de Phyllis Luch



Tenho uma caixa de brinquedos em meu quarto, onde guardo meus blocos de montar e meus jogos. Também tenho uma caixa cheia de bastões. Gosto muito deles, pois são bons para cavar e pode-se atirá-los muito longe.

Meu melhor bastão chamava-se Woody. Eu sempre o levava comigo, no bolso ou na mão. À noite, colocava-o sob o travesseiro. Era um bom amigo.

Um dia Woody fez um buraco em meu bolso e mamãe ficou zangada.

“Você colocou aquele bastão em seu bolso de novo?”

Fiquei apenas olhando para os cordões dos sapatos.

“Você e esse bastão!” exclamou mamãe. “Para que o quer?”

“Ele é meu amigo, mamãe.”

Então ela sorriu e disse-me que era bom ter um amigo.

Gosto muito da mamãe, e por não querer incomodá-la, tive um conversinha com Woody. Pedi-lhe que não fizesse buracos em meu bolso novamente. Ele não chorou, apenas ouviu. Então senti pena dele, por isso lancei-o para o ar. Woody gosta de voar.

Fomos dar um passeio no campo. Vi uma borboleta pousada numa linda flor. Segurei Woody bem quietinho e a borboleta pousou nele. Aí ela pousou também em minha mão. Tinha pernas muito engraçadas. Quando ela foi embora, Woody e eu arrancamos a flor e a plantamos ao lado da garagem. Mamãe ficou contente quando viu como ela era bonita.

“A culpa foi minha daquele buraco no bolso, mamãe.” admiti.

Mamãe abraçou-me e espalhou meus cabelos com sua mão. Eu adoro mamãe!

Certo dia, meu primo Jeff trouxe um caminhão e um trator de corda para brincar comigo. Mamãe nos deu uma caixa vazia e fizemos com ela algumas casas e estradas.

Eu queria fazer outra estrada. Jeff usava uma pá, por isso tirei Woody do bolso e comecei a cavar. Cavei, cavei, cada vez mais longe, até que atingi uma pedra, e então, SNAP! Quebrei Woody! Tentei consertá-lo, mas não foi possível. Senti vontade de chorar, mas Jeff estava lá.

“É apenas um bastão mudo”, disse Jeff.

Quando Jeff foi para casa, juntei os pedaços de Woody.

“Sinto muito, Woody”, susurrei.

Ele nada respondeu. Levei-o para onde havia plantado a flor. Fiz um buraco, coloquei Woody dentro dele e cobri-o.

Senti muito a falta dele.



James E. Hyer

O Vidro e a Vela

Com algumas gotas de cera quente derretida, fixe uma vela num prato, depois derrame água ao redor da vela e inverta um vidro de boca larga sobre a vela acesa, conservando a boca do vidro afastada sem tocar o fundo do prato, apoiando-o em cima de algumas moedas.

EXPERIÊNCIA
UM



Em cerca de um minuto, a vela se apaga, e a água sobe para dentro do vidro. Isto acontece, porque a vela acesa aquece o ar do

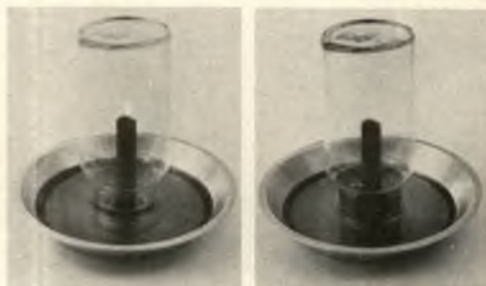
EXPERIÊNCIA
DOIS



interior do vidro, e ele se expande. Após o oxigênio ser consumido, a vela se apaga. O ar, então, fica mais frio e perde o calor através do vidro e da água. O ar, ao resfriar-se, contrai-se até não mais encher o interior do vidro. A pressão do ar que está dentro dele se torna então menor que a exterior, assim a pressão externa do ar empurra a água para dentro do vidro.

Como o ar é composto de um quinto de oxigênio, muitos pensam que a água do vidro está substituindo o oxigênio que foi consumido. Na realidade, forma-se dióxido de carbono e vapor de água, quando o oxigênio é consumido, e são eles que tomam o espaço que antes era ocupado pelo oxigênio.

Coloque uma garrafa com o gargalo para baixo, dentro de um prato com água. Segure firme a garrafa com as duas mãos, para que o calor delas aqueça o ar do interior da garrafa. Algum ar escapará, e você verá algumas bolhas saírem para fora. Então a água subirá para dentro da garrafa.



Quando a vela acesa aquece o ar dentro do vidro, faz levantar bolhas na água que está ao redor da boca do vidro?

Se forem usados três tamanhos diferentes de vidro para esta atividade, o volume de água que subirá para dentro dos vidros será o mesmo?



O que não tem peso, largura, comprimento ou solidez, e pode ser medido acuradamente?

Se um astronauta tentasse sentar-se sobre um prego enquanto estivesse em órbita, o prego não poderia cravar-se no astronauta, por falta de gravidade.





SOK-TAE,

Ilustrado por Dick Brown

A plantação de arroz não era maior que o acolchoado da cama de Sok-Tae, mas mesmo assim, era muito importante. Sok-Tae segurou um punhado de mudas de arroz e plantou-as uma de cada vez na lama que havia no fundo.

Havia rapidez e ritmo em suas mãos, como se trabalhasse ao compasso de um tambor. Subitamente, ouviu o som de uma flauta e ficou ereto, olhando

por todo o vale. "Uma parada! Uma parada!" gritou.

Correu pelo caminho ensaiado, e chegou na rua. A água que pingava de seu corpo fez sinais no saibro da rua. "Espe-

O BOM VIZINHO

Anobel Armour



rem por mim", gritou. Depois, começou a pular atrás da colorida procissão.

Ele seguiu a parada rua acima e rua abaixo. Só se lembrou da plantação de arroz, quando a parada terminou.

Seus pés estavam-se arrastando. "O que mamãe me dirá? resmungou.

Mamãe estava em pé na estreita varanda, com a irmã menor de Sok-Tae.

"As raízes tenras das mudas de arroz secaram ao sol. Não sobrou nenhuma, "disse-lhe severamente", e "dependemos dessa plantação para nosso alimento". Ela olhou tristemente para ele e acrescentou: "Dependo de você, meu filho".

Sok-Tae não sabia como consertar o que fizera. Sua mãe havia confiado nele, e ele havia falhado. Baixou a cabeça e roçou: "Ajude-me, Pai Celestial".

Os três ficaram sentados na estreita varanda sem dizer uma só palavra. Sok-Tae não queria voltar à plantação e ver as mudas de arroz secas. Uma vizinha parou em seu portão. Sok-Tae freqüentemente a ajudava a trabalhar no quintal. Por ser sua amiga, ele pôde sorrir para ela, mas por dentro estava chorando.

"Gostaria de que você cuidasse de minha pequena plantação de arroz, Sok-Tae", disse ela. "Economizei algum dinheiro e lhe pagarei", prometeu ela.

Sok-Tae rapidamente seguiu a vizinha. **Agora posso comprar mudas de arroz para a nossa plantação**, pensou. **Então mamãe não se preocupará mais.**

A plantação de arroz da mulher era pequena como a sua. Sok-Tae pegou as mudas de arroz e plantou-as na lama.

Finalmente, levantou a cabeça e saiu do arrozal. Um grande sorriso iluminou-lhe a face, quando admirou seu trabalho. Voltando à casa da vizinha, disse: "Plantei as mudas bem juntinhas, mas ainda sobraram algumas".

"Fique com elas, Sok-Tae, "disse a vizinha". "O sol logo secará suas tenras raízes, se não forem plantadas".

Seu coração parecia pular, quando ele lhe agradeceu. Então ela desamarrou as pontas de um lenço de seda e retirou algumas moedas. "Aqui está o dinheiro prometido", ofereceu.

"Não posso receber o dinheiro e também as mudas", disse relutantemente Sok-Tae.

"Prometi-lhe o dinheiro, e as plantas são apenas uma sobra,"

insistiu ela, entregando-lhe de novo as moedas.

Sok-Tae abaixou a cabeça, quando sentiu seu rosto corar. “Eu segui a parada e deixei as mudas secarem ao sol.” Depois, levantou a cabeça. “Eu ia comprar mais mudas com esse dinheiro, mas agora não precisarei. Se o receber será como se estivesse sendo pago em dobro.”

A mulher tornou a amarrar as moedas no lenço de seda, e sorrindo disse: “Onde você aprendeu a ser tão bom vizinho?”

Sok-Tae deu um sorriso tão grande, que sua boca ficou bem aberta. “Na Primária eles me

ensinaram: ‘Amarás a teu próximo,’” explicou.

“Gostaria de saber mais sobre o que eles ensinam na Primária,” disse ela.

“Eu lhe contarei muito mais”, prometeu Sok-Tae.

Ambos sorriram, e depois Sok-Tae apanhou suas mudas de arroz e correu para casa, pensando: “Minha amiga ouvirá a respeito de nossa Igreja, e talvez deixe os missionários virem mais tarde dar-lhe as lições.”

Sok-Tae estava tão feliz só de pensar em sua vizinha, que tinha certeza de não seguir outra parada, mesmo se uma delas passasse bem por cima de sua plantação de arroz!



“**R**osiel!”, chamou a mamãe. “Já é hora de você e Heman levarem o jantar para o papai.”

Não precisavam chamar-nos outra vez, pois esse era o único serviço que fazíamos com gosto. Mamãe encheu um prato com comida, embrulhou-o num grande guardanapo e o colocou na cesta. Então veio a instrução final: “Leve-a com cuidado, não brinquem no caminho e voltem logo que papai comer.”

Eram dez quarteirões de casa até a obra do Templo de Lago Salgado, onde papai trabalhava como cortador de pedras, mas não parecia longe, tanto nos divertíamos enquanto papai jantava. Era interessante ver os enormes blocos de granito serem trazidos da pedreira do “canyon”, em carroções puxados por bois. Enquanto eram descarregados,

os animais pacientemente esperavam, tocando as moscas com as caudas. Depois de cortados os ásperos blocos e cinzelados para se amoldarem ao tamanho requerido, eram colocados em fila como peças de dominó, deixando as bordas afiadas como dentes de serra. Gostávamos de correr naqueles dominós de pedra com os pés descalços. Só usávamos sapatos no domingo ou na escola.

Muitas vezes ficávamos observando os hábeis operários talharem desenhos nas pedras. Eles batiam gentilmente, para não cortar demais e estragar o desenho.

Hoje papai tinha uma surpresa para nós. Ele disse: “Os homens que estão fazendo a escada circular disseram que vocês podem subir tão logo estejam prontas, mas o façam com reverência, porque é a casa de Deus.”

Serragem do Templo

Gertrude M. Richards

Ilustrado por Shauna Mooney



Peguei Heman pela mão e, juntos, subimos até que perdemos o fôlego. Era mais fácil descer. Então papai nos levou para a carpintaria, onde serravam a madeira para o edifício. No chão, havia um monte de serragem limpa, e papai disse-nos que o contramestre nos autorizara a levar um pouco para casa, e mamãe nos ensinar a fazer uma almofada de alfinetes.” Algum dia será uma coisa muito especial,” disse papai”, ter uma almofada de alfinetes com a serragem do templo.”

Enchemos rapidamente a cesta com a serragem cheirosa e corremos para casa. Mamãe não tinha tempo para ajudar-nos a fazer a almofada. Ela estava auxiliando nossa vizinha, a irmã Young, e o nenê estava acordado. Embalei-o para que dormisse, depois fui ajudar mamãe no jantar.

Naquela noite, depois de arrumarmos a cozinha, mamãe encontrou um tecido marrom, bem forte no qual desenhou uma grande folha de figueira. Ela me ensinou como bordar as linhas verdes para parecerem veias. A parte do fundo foi costurada à da frente, deixando um buraco para derramar dentro dele a serragem do templo, até encher bem a folha. Depois, fechamos o buraco para não se perder nem um pouquinho do precioso material. Quando a almofada ficou pronta, mostrei-a orgulhosamente ao papai para receber sua aprovação.

Algum tempo depois, mamãe foi para Idaho, a fim de cuidar de uma criança recém-nascida, deixando-me encarregada da casa. Heman ajudava papai nos serviços externos, enquanto minhas irmãs menores,

Aggie e Birdie, brincavam à sombra das árvores. Certa manhã, notei o quanto estavam rotos os vestidos de Birdie, e pedi a papai algum dinheiro, a fim de comprar tecido para um novo vestido para ela. Comprei um bonito pano de algodão listrado. Usando alfinetes da almofada feita com serragem do templo, preguei um dos vestidos velhos de Birdie ao tecido para ter um modelo, depois cortei cuidadosamente ao redor e costurei as peças juntas. Birdie parecia um botão de rosa, quando papai voltou do trabalho naquela noite.

Depois que cresci, trabalhei com uma costureira e aprendi a fazer bonitas roupas para a família. Algum tempo depois, casei-me com Jody, meu namorado de infância.

Certa vez, ao olhar bem de perto a almofada de alfinetes feita com serragem do templo, descobri que desejava casar-me no templo. Entretanto, após quarenta anos, ele ainda não estava pronto, por isso o pai de Jody resolveu o problema, dando-nos passagens para Logan. Num bonito dia de junho, casamo-nos no templo de Logan para o tempo e eternidade.

A almofada de serragem do templo foi conosco para o nosso lar na Cidade de Lago Salgado. Seguiu-nos a todos os lugares em que vivemos, e tem sido um motivo de lembrança para cada um de nossos oito filhos de que o templo é um local sagrado e importante.

Papai tinha razão, pois de fato, “foi algo especial ter uma almofada de alfinetes feita com serragem do templo.”



A Igreja Prospera no Sul de Mato Grosso

Um dos mais recentes estados do País a receber o Evangelho foi Mato Grosso (sul), em setembro de 1975, com início na cidade de Campo Grande; algumas famílias mórmons recém-estabelecidas na cidade foram o desabrochar da grande obra. Hoje o ramo de Campo Grande conta 230 membros, com comitê executivo, presidência do ramo completa, auxiliares e quorum do sacerdócio, sendo 23 Élderes e 15 membros do sacerdócio aarônico. A frequência na reunião sacramental é de 90 pessoas em média e 52 foram batizados em 1977.

Dourados; o ramo mais novo, e também a área mais difícil para o trabalho missionário, por causa da estranheza que tem causado a doutrina mórmon à população que sempre prestou culto ao catolicismo e de algumas seitas do protestantismo. Tem 40 membros, e uma frequência de noventa por cento. Ainda possui comitê executivo e somente funcionam algumas das auxiliares. O número de batismos no ano passado foi de dezessete, mas 1978 tem sido promissor para esse pequeno ramo que muito esforço tem feito para se desenvolver em São.

Ponta Porã, onde há grande influência lamanita, situa-se na fronteira do Paraguai, separada apenas por uma avenida. Possui 140 membros e foi dividido recentemente, sendo que a outra parte formou o ramo de Pedro Juan Caballero, da Missão Paraguaia.

Este ramo funciona com todas as auxiliares, comitê executivo completo e todos os quoruns do sacerdócio e tem o orgulho de ter dois missionários no campo, mesmo sendo um ramo novo.

Recentemente, em uma conferência da região em Campo Grande, 252 santos se reuniram, muitos viajaram sete horas de trem e no sábado anterior à conferência houve excelente apresentação cultural com a participação dos três ramos.

Para o presidente da Missão Brasil São Paulo Norte, Saul Messias de Oliveira, esse estado tem grandes possibilidades de se tornar um importante núcleo da Igreja no centro-oeste brasileiro. As três cidades mencionadas já tinham terrenos para construção de capela. Campo Grande e Ponta Porã já estão com projetos prontos e prestes a iniciar as obras que trarão sem dúvida grande força ao trabalho missionário para os SUD mato-grossenses.

O Templo de São Paulo será Dedicado em Fins de 1978



O templo de São Paulo, será dedicado nos dias 30 de outubro a 2 de novembro de 1978, pelo Presidente Spencer W. Kimball. A oração dedicatória do Presidente Kimball será repetida em 10 sessões para que todos os membros do distrito do Templo que comparecerem à dedicação possam participar da cerimônia.

O acesso às sessões dedicatórias será somente por meio de convites que serão distribuídos aos membros das estacas e missões da América do Sul pelos líderes locais.

O templo estará aberto para visitação pública de 4 a 30 de setembro. De 28 de agosto a 2 de setembro o templo será visitado por líderes governamentais, civis, educacionais e religiosos. Depois da vi-

sitação o templo será fechado e serão realizados os preparativos para a dedicação. As ordenanças do templo terão início a partir de 7 de novembro de 1978.

Na conferência de área em 1975, o Presidente Kimball anunciou a construção do templo de São Paulo como o primeiro templo na América do Sul. A cerimônia de abertura da terra foi realizada a 20 de março de 1976, sob a direção de Elder James E. Faust, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, supervisor de área da América do Sul nessa época.

Em 9 de março de 1977 foi assentada a pedra angular pelo Presidente Marion G. Romney que juntamente com o Presidente Kimball e outros, visitou São Paulo depois de

uma viagem de 35.200 quilômetros pelos países da América Latina, realizando Conferência de Área.

Localizado numa gleba de pouco mais de 20.000 m², de propriedade da Igreja, o templo está sendo construído na parte mais elevada do terreno. Desenhado por Emil B. Fetzer, arquiteto da Igreja, o templo de 76 salas tem uma área coberta de 4.764 m². O exterior do templo é revestido de placas de concreto armado, cobertas por uma camada de mármore transformado em pedriscos e misturado a cimento branco e silicone.

Ao Church News, jornal semanal da Igreja, o Irmão Fetzer disse que estava feliz com o andamento da construção e que a Christiani & Nielsen é eficiente e oferece trabalho de alta qualidade, sendo muito bem administrada por homens de gabarito.

Para manter a construção nos prazos previstos, informou o irmão Fetzer, foram estocadas enormes quantidades de materiais em São Paulo, o que se fez necessário também porque alguns materiais como o cimento, aço, ferro, tubos e condutores e aparelhos de ar condicionado às vezes se tornam escassos na América do Sul e, devido à inflação, seus preços sobem rapidamente. Um dos maiores problemas foi a escolha do revestimento externo do templo. O mármore branco é sujeito à ação corrosiva dos poluentes do ar, ficando completamente encardido depois de um período de anos. Para resolver o problema, o irmão Fetzer

decidiu usar um revestimento de pedra fundida que pudesse ser tratado com preservativos.

A pedra fundida é feita de pedriscos de mármore branco misturada com cimento branco. O Edifício dos Escritórios da Igreja em Salt Lake City é revestido com esse material.

Entretanto, a decisão de usar o revestimento de pedra fundida não resolveu de todo o problema, pois a produção desse material é relativamente baixa na América do Sul e o volume necessário para o templo seria demasiado para os pequenos produtores. Assim, James Magleby, um fabricante de pedra fundida de Utah, foi enviado pela Igreja ao Brasil para instalar, no próprio local de construção, a aparelhagem para produção do revestimento e operários foram contratados para trabalhar sob sua direção.

Além do templo, duas outras estruturas estão sendo erguidas no mesmo terreno: um edifício para os escritórios da Igreja e o Centro de Distribuição e a nova sede da estaca São Paulo Brasil.

O edifício dos escritórios da Igreja ficará atrás do templo e terá cinco andares abrigando os escritórios da Autoridade Geral da área, do supervisor de área do Bispado Presidente, assim como os demais escritórios da Igreja. Este edifício será construído em um plano bem mais baixo do terreno, de modo a não impedir que o templo domine a paisagem circundante.

Esta é sua Recomendação para o Templo

O prezado irmão já recebeu a sua recomendação? Os bispos e presidentes de ramos já estão emitindo, após entrevista com os candidatos, e encaminhando às Presidências de Estaca ou Distrito. Esse trabalho deve ser feito com antecedência pois será impossível emitir todas as recomendações quando da abertura do Templo.

E o que falta? Você já fez sua auto-análise? Já eliminou suas deficiências? Já está em condições de responder ao seu bispo ou presidente de ramo com toda a honestidade, como se fosse na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem ele está representando com a autoridade do Sacerdócio e do chamado para o qual foi designado?

Das perguntas que lhe serão feitas destacamos mais duas:

VOCÊ GUARDA A PALAVRA DE SABEDORIA?

Guardar quer dizer cumprir, obedecer, sempre, em todas as horas, dias, locais e situações, sem racionalizar ou tentar adaptar.

Nós, santos dos últimos dias, fiéis aos mandamentos e convênios, que vivemos na Igreja guiada por Revelação, recebemos (ver Doutrina e Convênios seção 89) uma Palavra de Sabedoria para ser obedecida.

Ali somos aconselhados a abstinência de bebidas alcoólicas, chamadas bebidas fortes, tabaco e bebidas quentes, assim como a moderação no uso da carne.

Observemos o espírito da lei e não somente as palavras, pois isto nos foi dado com promessas especiais para vivermos melhor.

Elder Bruce R. McConkie em seu livro **DOUTRINA MÓRMON** diz: Certamente a utilização de bebidas à base de Cola não está incluída diretamente na Palavra de Sabedoria, mas está em violação ao espírito deste mandamento; as drogas prejudiciais estão na mesma categoria.

Conclui-se pois que maconha, ou qualquer dessas terríveis armas de Satanás em voga hoje em dia, cocaína, ópio, bebidas contendo cola, chimarrão etc, não constam no texto da Palavra de Sabedoria, mas são obviamente contrários ao espírito da lei.

Não poderíamos deixar de citar o descanso necessário ao corpo, como parte integrante da Palavra de Sabedoria. Devemos dormir o tempo necessário. Para isso é aconselhável deitar-nos cedo, para estar descansados no dia seguinte e assim enfrentar nova etapa de nossa vida terrena com disposição e vontade.

VOCÊ PAGA O DÍZIMO INTEGRALMENTE?

O Senhor quer que paguemos 10% do que ganhamos.

10% não é 9, nem 11, nem outro número qualquer, é 10%.

Por este princípio será conhecido quem é a favor do Reino de Deus ou quem é contra. Será pois colocada em prova a lealdade do povo de Deus.

A lei do dízimo foi dada pela primeira vez nos tempos do Velho Testamento, novamente durante o ministério do Salvador, e mais uma vez restaurada por revelação moderna, através do Profeta Joseph Smith. Ver Doutrina e Convênios 64:23 e seção 119.

O dízimo continua sendo um mandamento, e precisamos obedecer para estarmos preparados para a segunda vinda de Cristo.

Podemos testificar, querido irmão, que a alegria de pagar honestamente o dízimo, vale de fato o sacrifício. Acreditamos que, ao falar da

lei do dízimo, devemos analisar por que ela foi instituída pelo Senhor.

Como dissemos no início, é a décima parte do que ganhamos. Nosso Senhor ordenou que todo membro da Igreja dê um décimo de tudo o que ganha para ajudar a edificar seu reino. A lei do dízimo tem dois propósitos. Primeiro: fazer o trabalho do Senhor em sua igreja. O dízimo é usado para construir capelas, templos, escolas e financiar despesas necessárias ao funcionamento da igreja. Segundo: a lei do dízimo nos ensina a não sermos egoístas, dando-nos a oportunidade de compartilhar com outros. À medida que mostramos nossa fé, obedecendo a este mandamento, o Senhor nos abençoará. Você tem dúvida de que esta lei é realmente um mandamento de Deus? Esta lei tem três promessas específicas do Senhor: (Malaquias 3:8-12) Bênçãos sem medidas. Proteção. Abundância. Qualquer relutância ou resistência a este mandamento é claramente uma deficiência de fé em Deus.

O Sistema Educacional da Igreja anuncia suas novas instalações em São Paulo, à Rua Vergueiro, 1883, 6.º andar. CEP 04102. São Paulo. SP.

Este é o escritório central no Brasil e seu administrador é o irmão Harry Eduardo Klein, que também anuncia a mudança do Instituto Regular para estas mesmas instalações.

Abrir a Porta a um Testemunho

Theo E. McKean

Uma das maiores lições que aprendi foi com uma adorável jovem que morou conosco enquanto estudava na Universidade de Brigham Young. Embora totalmente cega, possuía habilidades espirituais e intelectuais incomuns. Ela pedia o número de um telefone apenas uma vez, e jamais o esquecia. Liam-lhe os textos e designações de um livro apenas uma vez. Suas notas em geral eram as mais altas da classe.

No início de cada semestre costumava levá-la, com seu cão-guia, para que entrasse uma vez em cada sala de aula. Era tudo que bastava. O mesmo ocorre com os princípios do Evangelho. Eles precisavam ser ensinados apenas uma vez, e ela os vivia fielmente.

A lição que me ensinou relacionava-se com portas *abertas e fechadas*. Ela se aborrecia quando alguém por descuido deixava uma porta entreaberta ou mal fechada. Sua audição era tão desenvolvida, que o eco de seus passos revelava a posição exata de qualquer porta para a qual se dirigia, mas, quando ficava entreaberta ou mal fechada, então ela caminhava e batia contra a porta!

FRACASSO POR NEGLIGÊNCIA

O Senhor fica contente conosco quando as portas de nossa vida estão abertas para o bem e fechadas para o mal. Ele disse aos membros da Igreja primitiva de Laodicéia: “Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente!

“Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.” (Apoc. 3:15-16.)

PRIMEIRO APRENDER, DEPOIS VIVER

Uma das finalidades do processo de ensinamento/aprendizado é conscientizar-nos do que é certo e errado — o que devemos aceitar ou rejeitar. Nosso maior desafio, entretanto, não é tanto o de *aprender* a verdade, mas o de *vivê-la*, pois já a conhecemos.

Além de reprovar os membros da igreja de Laodicéia por sua infidelidade, o Senhor não deixou de louvar os membros da igreja da Ásia, estabelecida na Filadélfia, que haviam escolhido viver por suas palavras, “E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz

o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; e o que *abre*, e ninguém *fecha*; e *fecha* e ninguém *abre*;

“Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus *uma porta aberta* e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome.

“Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo.” (Apoc. 3:7-8, 10. Itálicos adicionados.)

O ALUNO TAMBÉM É RESPONSÁVEL

Aprendiz e mestre têm responsabilidades iguais que devem ser cumpridas, para que o processo de ensinamento/aprendizado seja completo.

Além de guiar um aluno no estudo do Evangelho, testificando serem verdadeiros seus ensinamentos e exortando-o a aplicá-lo em sua vida, o professor deve também respeitar todo o direito do aluno de escolher por si mesmo se o aceitará ou rejeitará.

Por outro lado, o aprendiz que examinou as Escrituras e palavras dos profetas vivos de Deus, em busca da verdade, e reconheceu a veracidade desses princípios pelo poder do Espírito Santo, tem, então, a responsabilidade de decidir-se a obedecer a eles. Esse passo é essencial, se o aluno quiser completar o processo de aprendizado. (Ver o gráfico Relacionamento Entre o Ensino/aprendizado, na A Liahona de abril de 1977, p. 28.)

O aprendizado não é completo, a menos que possamos ‘diferençar o bom do mau; e *nos apegarmos* a tudo o que for bom.’” (Morôni 7:19. Itálicos adicionados.)

ESCOLHER OBEDIÊNCIA

Josué admoestou a Israel: “Escolhei hoje a quem servais... porém eu e minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24:15.)

Comentando Josué, o Presidente Nathan Eldon Tanner disse o seguinte: “A palavra *escolhei* significa que temos a liberdade de escolher... Depende de você assumir toda a responsabilidade advinda de sua escolha e suas conseqüências. *Hoje* significa que é agora a hora de escolher seu caminho, e não amanhã — o amanhã não existe, só o dia de hoje — e se existisse, poderia ser tarde demais. *A quem* significa a que Deus servireis. Servir não é apenas uma aceitação passiva, mas aceitar tudo o que se acha implícito na palavra.” (*Church News*, 8 de junho de 1963, p. 13. Itálicos adicionados.)

Desesperamo-nos, porque o erro e o mal correm à solta no mundo. Não esqueçamos, entretanto, que esta é a ocasião em que a palavra do Senhor está-se derramando sobre a terra. É um período de abundância do Evangelho. O nosso desafio é aprendê-lo e segui-lo. Assim, acabaremos vencendo todo o mal que existe.

O Senhor está revelando a sua vontade a todos, principalmente aos membros da Igreja, nas palavras de seus profetas vivos, tendo a Primeira Presidência como cabeça. O que eles dizem como pendência

é o que o Senhor diria, se estivesse aqui pessoalmente... Elas devem ser seguidas como as revelações que se encontram em Doutrina e Convênios e outras Escrituras...

É uma época de grandes conflitos entre a verdade e o erro... Há só um modo seguro de distinguir entre os dois; aprender qual a vontade do Pai, e então *cumpri-la*." (Marion G. Romney, em Conference Report, abril de 1945, pp. 90-91; itálicos adicionados.)

TEMOS AS RESPOSTAS

O Evangelho contém as respostas aos desafios com que nos defrontamos. Nosso desafio como professores é ajudar nossos alunos a aplicá-lo em sua vida.

Assim esclarece o Élder Neal A. Maxwell: "Temos que fazer um trabalho melhor — eu, como pai e professor, e vocês, em suas salas de aula — mais do que fazemos agora para ajudar os jovens a entenderem a conexão entre o Evangelho e os problemas do mundo, e que ele realmente contém a solução dos problemas humanos."

Discurso ao pessoal do Seminário e Instituto, na Universidade de Brigham Young, verão de 1970. Ver o artigo "O Evangelho Contém as Respostas aos Problemas da Vida", pelo Élder Neal A. Maxwell, nesta revista.)

FAZER É CONHECER

Através do estudo do Evangelho, *saberemos o que fazer... Ao segui-lo, compreendemos ser ele verdadeiro*. Cumprir ou não o que nos ensina, depende da escolha que fizermos de ser obedientes.

O Presidente Marion G. Romney assim se expressou:

"O homem mortal foi colocado entre forças antagônicas. De um lado, a força de Deus o inspira a seguir o caminho da vida. De outro, o poder de Satanás tenta-o a desrespeitar os mandamentos de Deus. É como o jogo em que se ganha tudo ou nada. Não há meio de escapar a essas forças de oposição. O livre arbítrio que recebeu de Deus permite-lhe escolher. Mas seja como for, ele terá que escolher." (*Conference Report*, outubro de 1962, p. 94.)

UM CONVITE PARA CADA UM DE NÓS

Nosso Salvador está-nos implorando, da mesma forma que nos tempos passados. Assim concluiu sua mensagem aos santos da antiga Laodiceia: "Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: Sê pois zeloso, e arrepende-te.

"Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

"Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.

"Quem tem ouvidos, ouça." (Apoc. 3:19-22.)

E João, o Revelador, prossegue: "Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu." (Apoc. 4:1.)

Meu testemunho pessoal é de que podemos ter essa porta aberta para nós. É minha oração que assim seja, em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Evangelho Tem as Respostas para os Problemas da Vida

Elder Neal A. Maxwell

Gostaria de retratar para vocês, o que creio ser o perfil dos jovens da Igreja...

Possuímos uma elite de jovens da Igreja como jamais tivemos nesta dispensação. São jovens que desejam servir, crêem no Evangelho, querem vivê-lo e têm decisões difíceis a tomar. Nem todos, entretanto, se enquadram nessa categoria. No espectro, há uma grande faixa central de mórmons ativos e informados, mas sem um conhecimento profundo do Evangelho. No outro extremo do espectro, temos os jovens rebeldes, dissidentes. E numa dessas faixas, vocês se situam...

O VALOR DA RELEVÂNCIA

Temos que fazer um trabalho melhor — eu, como pai e professor, e vocês, em suas salas de aula — mais do que fazemos agora para ajudar os jovens a entenderem a conexão entre o Evangelho e os problemas do mundo e que ele realmente contém a solução dos problemas humanos... Um termo muito comum, *relevância*, pode ser aplicado para que os jovens entendam que o Evangelho é algo que fazemos, não apenas de que falamos. A relevância do Evangelho, como ajuda aos problemas humanos, tem que ser ensinada no lar com mais ênfase e espiritualidade do que fizemos no passado.

NOSSA JUVENTUDE DEVE SER COMPOSTA DE PACIFICADORES

Um dos paradoxos que os jovens da Igreja enfrentam é o de que são ensinados pelas Escrituras e pelos profetas modernos, que a paz será logo tirada da terra. Também são ensinados sobre sua incumbência de proclamar a paz. Essa dupla visão tem que ser harmonizada com um estilo de vida que lhes permita serem diferentes do mundo e ao mesmo tempo ser pacificadores. Mas que não façam como muitos adultos da Igreja, que se tornaram Jonas modernos — profetizam o desastre a Nínive e depois correm para a colina e ficam esperando o momento da grande catástrofe. O Senhor censurou Jonas energicamente, pois ele sentia maior prazer em ver o desastre que a salvação. Nossos jovens devem trabalhar nos nínives de suas vidas, realizando tudo o que está a seu alcance, mesmo que o desastre seja iminente. Eles não devem abandonar seus postos antes de serem desobrigados, e nenhum de nós deve fazê-lo. Não podemos, como Jonas, ver uma estaca que está prestes a sofrer uma calamidade, e quase desejar que aconteça, para que sejamos vingados.

O pai Léhi é um grande exemplo. Ele tinha conhecimento de que não seria bem sucedido com seus dois filhos; mesmo assim, abençoou-os até o fim. Essa deve ser a nossa atitude na vida. Não podemos desertar como Jonas. Não podemos esperar pelo cataclismo no topo da colina. Permanecemos em nossos postos, cumprindo os nossos deveres, en-

quanto o Senhor nos mantiver lá. Isto será mais fácil para os jovens da Igreja, se observarem nossos exemplos. Tal não significa que devemos ser ingênuos quanto ao que irá acontecer, mas não corramos cedo demais...

O PODER DO AMOR

Um grande amigo meu, de Washington, ao ser assaltado, recebeu um tiro na espinha, que o deixou paralisado da cintura para baixo para o resto da vida. Era um homem atlético, vigoroso, cuja existência foi mudada em apenas um instante. Ao visitá-lo no hospital, logo após a tragédia, fui com a intenção de consolá-lo, mas saí de lá consolado. Em lágrimas, contou-me que perdoara o assaltante e não havia nele qualquer traço de amargura, somente amor. Ora, isto só pode acontecer onde há fraternidade. Quando falamos sobre a fraternidade de Deus, não nos referimos a uma forma de vida inatingível, ou sobre um bondoso avô que permitirá que a humanidade faça tudo que deseja. O que temos é um Pai amoroso que nos dará, se necessário, experiências dolorosas em nossa vida, para que aprendamos que seu amor a nós é tão profundo, que nos deixará sofrer, como fez a seu Filho Unigênito na carne, para que o nosso aprendizado possa ser completo e recompensador. É vitalmente importante que os jovens compreendam o que significa essa fraternidade.

OS QUATRO Es DO APRENDIZADO

Aprendemos e ensinamos, geralmente, de quatro diferentes maneiri-

ras, todas elas necessárias, mas é preciso haver equilíbrio entre elas. Chamo-as de os quatro Es do aprendizado. O primeiro é a exortação e ela é de fato necessária. O segundo é a explicação. Nós também a utilizamos muito. O terceiro é o exemplo. Todos sabemos que a melhor maneira de ensinar é através do exemplo, e certo autor declarou: "A única autoridade moral para os jovens atualmente é o exemplo." O quarto é a experiência. Gostaria de sugerir a vocês que, em nossos lares, na Escola Dominical e também nos seminários e institutos, temos um pouco de vergonha de praticar os dois últimos. Somos muito fortes em exortar e explicar; mas para que haja equilíbrio, no aprendizado, é necessário que exista mais exemplo e experiência. Muitos membros do Sacerdócio Aarônico acham que seu único serviço é abençoar e passar o sacramento aos domingos. Gostaria de ver mais latas de lixo de viúvas carregadas para fora e mais jardins e cercas arrumados, para que os jovens sintam o gosto do Evangelho e saibam que ele é verdadeiro. Então ninguém precisará ensiná-los, pois eles já experimentaram. Ao lerem novamente 3 Néfi, quando a multidão se aproximou de Jesus, vocês notarão que são usadas algumas formações verbais: "viram", "sentiram", "testemunharam", "Tocaram". Eles experimentaram o Evangelho e viram que era verdadeiro. Esse é o desafio que nos fez o capítulo trinta e dois de Alma. A experiência produz o conhecimento puro. Não podemos esvaziar as salas de aula da Igreja, mandando os alunos saírem em busca de experiências, *mas o que acontece fora*

da sala de aula, deve envolver princípios do Evangelho em aplicação. Isto proporcionará a cada jovem um manancial de experiências espirituais.

Há momentos na vida em que necessitamos procurar experiências espirituais em nossa fonte de reservas. Alguns de nossos armazéns estão praticamente vazios, e outros jamais tiveram qualquer coisa neles. Precisamos estar aptos a contar com esses recursos para atender nossos jovens, que assim saberão que o Evangelho é verdadeiro, porque o viram em ação.

NOSSA JUVENTUDE TOLERANTE

Há uma questão que eu gostaria de deixar bem clara. Aprendi que os jovens relutam em denunciar o mau comportamento de alguns de seus colegas. Isto não quer dizer que necessariamente o aprovem. Agora, eis a parte mais delicada da questão. Eles são muito tolerantes com seus companheiros e algumas vezes pensamos que é uma aprovação tácita, porém estamos enganados. Admito, como pai, que há ocasiões em que gostaria de que meus filhos me contassem sobre o que acontece entre seus companheiros. Mas os adultos precisam entender que os jovens não expressam sua justa indignação pela conduta de seus companheiros, mas isto não significa que eles a aprovem.

AS ESCRITURAS SÃO COMO UM LIVRO DE MÚSICAS

Finalmente, espero que encontrem novos meios de envolver nossa juven-

tude na leitura pessoal das Escrituras. Vem-me à mente a analogia de que elas são como um livro de músicas, e que nós, os adultos, desejamos cantar diversas vezes certas músicas que apreciamos, mas elas podem não ser as preferidas dos jovens. As Escrituras são como um livro de músicas: minhas canções favoritas e as suas não são necessariamente aquelas que serão mais atraentes para a juventude. É através de algum envolvimento pessoal com elas, que os jovens encontram a canção das Escrituras que mais apreciam. Não existe um meio pelo qual vocês e eu possamos prever todas essas necessidades de maneira tão precisa.

Concluirei, com uma frase do Livro de Mórmon sobre “o homem

de Cristo”, que pode ver para sempre, devido à perspectiva especial que o Evangelho lhe dá. Daí, advém o júbilo, pela certeza de que vocês e eu somos muito favorecidos por essas bênçãos.

Assim, quando realizamos os trabalhos do reino, e há dias em que eles são realmente difíceis, devemos agradecer a Deus por ter-nos chamado para trabalhar na posição que ocupamos nesta época da história. Que ele possa abençoar-nos nesse sentido, eu oro, em nome daquele a quem pertence esta Igreja, Jesus Cristo. Amém.

(De um discurso para o pessoal do Seminário e Instituto na Universidade de Brigham Young, verão de 1970.)

Esposa de Apóstolo Falece em Salt Lake City

Ina Jane Ashton Richards, esposa do Élder Le Grand Richards, do Conselho dos Doze, faleceu a 31 de dezembro de 1977, em um hospital de Salt Lake, aos 91 anos de idade.

Muito ativa na Igreja, ocupou muitos cargos e acompanhou o marido em suas designações, as quais incluem dois chamados como presidente de missão, na Holanda e nos estados do sul dos Estados Unidos.

A extinta era filha de Edward e Cora Lindsay Ashton, tendo-se casado a 19 de maio de 1909, no templo de Salt Lake, em cerimônia realizada pelo próprio pai do Élder Richards.

Deixa o esposo, dois filhos e quatro filhas, 28 netos, 83 bisnetos e um tetraneto.

As cerimônias fúnebres foram realizadas em sua cidade, no dia 4 de janeiro.

O prisioneiro Missionário

Melvin Leavitt

Ilustrado por Ralph Reynolds

A 15 de maio de 1942, Piet Vlam deu um beijo na esposa, e disse: "Até amanhã." Enquanto o trem o levava para Arnhem, cidade holandesa perto da fronteira germânica, pensava em seus urgentes deveres como segundo conselheiro na Missão Holandesa e estava ansioso para voltar e resolvê-los.



Infelizmente era uma viagem inevitável. Como ex-oficial da marinha da Holanda ocupada, era necessário que se registrasse junto às autoridades de seu país, em Arnhem.

Esses registros já se haviam tornado uma irritante rotina. O que ele não imaginava era que essa viagem de um dia para Arnhem se prolongasse em três anos de cativo.

Ao chegarem, os oficiais holandeses foram informados de que eram prisioneiros de guerra, foram colocados em trens e levados para a Alemanha. Quando Piet seguiu pela noite escura a caminho do campo de concentração de Langwasser, sua mente lutava com uma pergunta: "Por quê?" O Senhor o chamara para a presidência da missão, e necessitavam muito dele. Cada estalo dos trilhos parecia perguntar novamente: "Por quê?" Mas não havia resposta.

Contudo, Piet possuía uma fé inabalável. Esperaria para ver.

Mais tarde ele percebeu que seu aprisionamento se constituía num dos mais claros chamados missionários da história da Igreja.

Certo dia, perto de sua chegada a Langwasser, Piet estava fora do alojamento infestado de piolhos, deitado na grama rala do campo de prisioneiros, quando um de seus companheiros começou a perguntar sobre religião. Aquele se tornou o primeiro de muitos debates religiosos.

Logo havia outros prisioneiros querendo saber sobre a Igreja. Eles não podiam formar grupos, pois os

guardas não permitiriam, por isso Piet levou consigo dois homens de cada vez e caminharam ao redor do campo, milha por milha.

Após alguns meses em Langwasser, os prisioneiros foram transferidos para Stanislaw, na fronteira russo-polonesa. Piet, em suas caminhadas missionárias, continuou a pregar o Evangelho.

Um grupo dos mais interessados achou um alojamento vazio, e assim começaram os serviços devocionais. Colocaram um cobertor na janela, pois os guardas não permitiam reuniões e improvisaram um púlpito com uma velha caixa de sabão.

Eram serviços cheios do Espírito, mas pouco ortodoxos. Os hinos lidos, porque a congregação temia cantar em voz alta, e ao término da reunião, esgueiravam-se para ir embora, um de cada vez.

Os princípios do Evangelho eram estritamente observados. Guardavam o domingo de jejum, dando sua parca tigela de refeição para alguma outra pessoa, mesmo quando estavam esfomeados. Muitos testemunhos do Evangelho foram recebidos durante as noites de insônia provocadas pela fome. Um dos investigadores mais céticos recebeu um testemunho numa dessas noites de jejum. No dia seguinte, contou sobre uma indescritível paz que lhe sobreviera. Ele queria ajudar de qualquer modo a preparar as reuniões dominicais. Piet lhe pediu que varresse o assoalho todas as semanas, e ele respondeu que seria uma honra.

"Quando você entra nesta sala", disse, sinto o santo Sacerdócio."

Ao saberem da AMM, entusiasmaram-se, por isto Piet organizou uma reunião e chamou alguns prisioneiros para servirem como presidente, secretário e professor.

Estudava-se Doutrina e Convênios durante as reuniões. Mais tarde, Piet relatou que nunca vira aquele livro ser ensinado melhor do que fora por esses não-membros da Igreja.

Os meses se passavam, continuavam as longas caminhadas ao redor do campo, e os homens se fortaleciam no Evangelho. Sua fé ajudou-os a resistir. Queriam profundamente a Piet, e numa Páscoa, surpreenderam-no com uma canção original intitulada "Fé", mais tarde incluída no hinário oficial da Missão Holandesa.

No final da guerra, os prisioneiros foram para Neubrandenburg, Alemanha, onde continuaram suas atividades. A 28 de abril de 1945, o campo foi libertado. Logo depois, Piet estava em casa, junto da esposa e filhos. Os poucos prisioneiros dispostos a ouvi-lo, levaram consigo, ao voltarem, uma dádiva que tornou a fome, o frio e os perreijos valiosos para eles.

Sete daqueles homens foram batizados na Igreja, e também suas famílias. Um dos conversos posteriormente se tornou o primeiro presidente da Missão Holandesa.

Piet Vlam não negligenciava seus deveres. Ao sr levado para longe de seu campo missionário, simplesmente levou sua missão consigo, e muitas pessoas serão eternamente gratas por isto.

"Estudava-se Doutrina e Convênios
durante as reuniões.

Mais tarde relatou . . . nunca vira
aquele livro ser
ensinado melhor do que fora por esses
não-membros da Igreja."

Não é dos Ligeiros a Carreira,

William G. Dyer

A Corrida da Vida

Os que assistiram aos Jogos Olímpicos, maravilharam-se com a habilidade daqueles atletas. Bem poucos podem tornar-se competidores olímpicos. Mas todos nós estamos envolvidos numa grande competição — a corrida da vida. Há ocasiões, porém, em que achamos injusto existirem algumas pessoas que parecem mais fortes e eficientes que nós nessa corrida. Talvez haja consolo no que diz Eclesiastes 9.11: “Não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja.” As Escrituras afirmam que, se perseverarmos até o fim, seremos salvos. A corrida da vida não é uma competição qualquer. É uma maratona. É uma corrida de longa distância. O Senhor esclarece que “E novamente eu quisera que aprendesses que somente é salvo aquele que resiste até o fim.” (D&C 53:7.) No índice de Doutrina e Convênios, há pelo menos doze referências ao fato de que só será salvo o que perseverar até o fim.

Falemos sobre a corrida da vida. É uma competição muito difícil em certas ocasiões. Ela começa cedo, logo quando alcançamos a idade da responsabilidade. Até a juventude, a corrida não é tão agradável.

Em geral, nunca a esquecemos. Mesmo 20 ou 30 anos depois, ainda

são lembradas aquelas experiências difíceis dos tempos de colégio. Ou porque éramos baixinhos, ou magros, ou porque nossos cabelos eram pouco ou muito crespos, ou usávamos óculos, ou tínhamos espinhas. Tudo isso é um tormento para a alma, quando vocês atravessam esses tempos difíceis e invejam os que são mais altos, mais fortes e bem apessoados.

Nunca nos prometeram que teria-mos uma corrida fácil. Em Hebreus, Paulo, que a conhecia muito bem, disse o seguinte:

“E corramos com paciência a carreira que nos está proposta...”

“Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido;

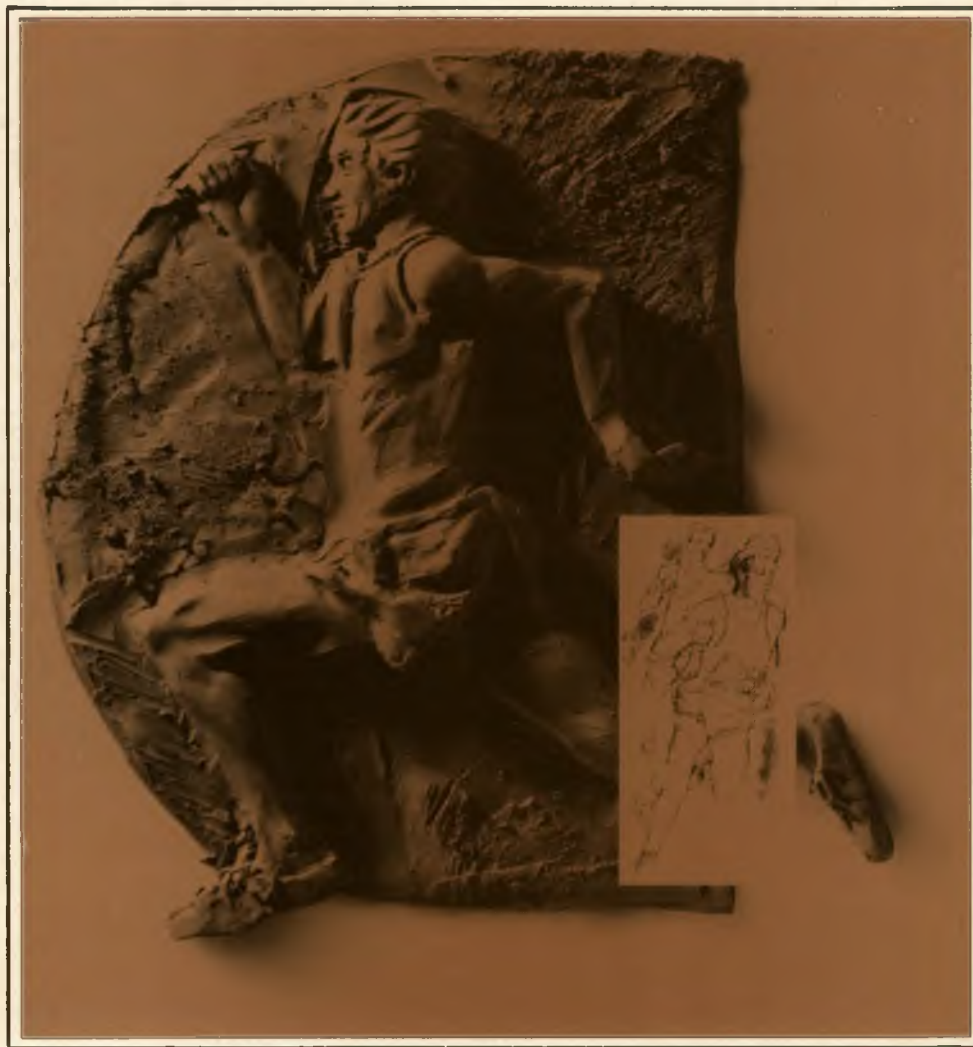
“Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho.

“Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija?” (Hebreus 12:1,5-7.)

Se a corrida às vezes nos parece difícil, talvez seja parte do plano do Senhor para nós.

Em que altura nos encontramos, agora, nesta corrida da vida? Acre-

Nem dos Valentes a Peleja



dito que muitos estão prestes a desistir. A corrida é muito penosa; os obstáculos parecem cada vez mais difíceis. Essas pessoas podem ter ido mal numa prova escolar, perdido um amor ou cometido um pecado, e estão dispostas a abandonar a corrida. Quando bispo no campus da universidade, membros da ala vinham conversar comigo e diziam: “Bispo, já fui longe demais. Não posso começar tudo de novo. É melhor desistir.” Eles haviam esquecido que o Senhor declarou: “ainda que seus pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve.” (Isaías 1:18.) Há uma possibilidade de arrependimento, de recomeçar novamente, se não decidirmos cedo demais que ela é muito difícil para nós.

“E novamente
eu quisera que
aprendesses
que só é salvo
aquele que resiste
até o fim.”

Não Julgar os Outros

Há os que estão dispostos a desistir de uma outra pessoa. Já decidiram que têm um parente ou um amigo que não vale a pena, e que a corrida já terminou para ele. Isso

jamais deve acontecer. O Presidente David O. McKay declarou que nenhum sucesso pode compensar o fracasso no lar. Também o Élder Marvin J. Ashton disse que falhamos somente quando paramos de tentar. Portanto, lembremo-nos de que a corrida nunca termina, enquanto estivermos nesta vida. Jamais devemos desistir de nós ou dos outros.

Nesta corrida, há os que se preocupam com o desempenho dos outros. Ninguém pode conhecer verdadeiramente os obstáculos que existem na corrida da vida de outra pessoa. Cada um se defronta com o seu próprio Getsêmani. Sabemos que as pessoas variam quanto à extensão de sofrimento que podem suportar. Uma picada de alfinete para um, é uma dor intensa para outro. O mesmo acontece com as provações. O que para uma pessoa é um obstáculo intransponível, é apenas um desafio para outra. Para a jovem que nunca teve namorado, a perda de um jovem especial pode ser um tragédia terrível. Outra jovem, que sempre foi muito cortjada, pode não compreender o quanto é difícil essa experiência. Por isto, oro para que sejamos compassivos, para que possamos realmente compreender o que a outra pessoa está atravessando e não a julgemos injusta ou prematuramente.

Ajudar os que Vacilam

Existem aqueles participantes, para os quais tudo está correndo maravilhosamente. A vida lhes tem sido fácil. Espero que saibam ser gratos e humildes ao Senhor pela



vida suave que agora experimentam. Mas não se tornem confiantes demais ou complacentes, pois essa é a ocasião em que devem alcançar e auxiliar o próximo. Uma das grandes coisas nessa corrida que o Senhor indicou para todos nós, é que não devemos corrê-la sozinhos. Na verdade, seria muito melhor correremos junto com outras pessoas, pois elas podem oferecer-nos ajuda, e fortalecer-nos. Se você se está saindo bem em sua corrida, talvez seja a oportunidade de partilhar sua energia com alguém que dela necessita.

Lembro certo dia em que vi parada à porta de um bispo uma senhora com um ar desolado. Ela continuou batendo à porta durante algum tempo. Havia algo em sua aparência que me comoveu, por isso, dirigi-me a ela e disse: “Eu não queria interromper, mas você parece aflita. Há algo que possa fazer?”

Ela respondeu: “Estou esperando meu bispo, mas parece que ele saiu.

Tornei a perguntar: “Posso-lhe ser útil em alguma coisa?” Ela veio ao

meu escritório, conversamos e descobri que aquela senhora de cerca de 38 anos era minha prima. Aí me contou sua trágica história, cheia de desespero, frustrações, solidão e medo do futuro. Mais tarde, sem dúvida, ela recebeu auxílio de seu bispo, mas, como éramos parentes, continuei aconselhando-a da melhor maneira possível. Finalmente decidiu voltar para a família e tomar conta de sua mãe, que era inválida. Certo dia, recebi um telefonema, avisando que ela havia encontrado um viúvo com cinco filhos. Pude cumprimentá-la no templo, quando foi selada a seu companheiro e tornou-se instantaneamente mãe de cinco crianças. Tenho a esperança de que, em certo sentido, tenha sido útil para ajudar os outros. Oro para que auxiliem os que estão vacilando na corrida da vida.

Citarei de novo o apóstolo Paulo. Ele era uma pessoa afligida por um “espinho na carne”, e teve uma vida cheia de perseguições, fiel à visão

que tivera na estrada de Damasco. Suas palavras a Timóteo soam como se fossem o seu próprio epitáfio:

“Porque eis que já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” (2 Tim. 4:6-8.)

Que sejamos fortes e valentes em nossa corrida da vida. Que sejamos úteis e sensíveis para conosco e com o próximo, e que nos esforcemos para orar ao Pai, no momento em que atravessamos a nossa jornada nesta terra, para que possamos receber a recompensa preparada para nós nos reinos de nosso Pai Celestial.

“A corrida da vida
não é uma competição qualquer.
É uma maratona.”



UMA BÊNÇÃO DO PRESIDENTE KIMBALL

Norman Vincent Peale

Quando estiver em dificuldade, esforce-se através da oração, boas obras e amor, para sentir a presença de Deus. Passava por uma grande dificuldade, um sério problema. Coloquei em prática todos os procedimentos já mencionados e consegui sobrepujá-lo, sendo grato por isto. De fato, este sermão é baseado numa experiência pessoal.

Há tempos, viajei para falar na Cidade do Lago Salgado, Utah, e fui convidado para ir à sede da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, onde me receberam o Presidente da Igreja e seus dois presidentes auxiliares. Essa grande organização religiosa tem mais de três milhões e meio de membros em todo o mundo. Eles estão fazendo a obra de Deus, pois produzem ótimas pessoas, seres humanos felizes, de moral elevada, honestos e justos — “e pelos seus frutos os conhecereis.”

Já tivera a oportunidade de conhecer dois presidentes anteriores da Igreja Mórmon. O presidente atual é Spencer W. Kimball, que conseguiu superar seus sofrimentos físicos. Reuni-me com esses homens de Deus. Ao encerrar minha visita, disse ao presidente — porque o considerava muito espiritual: “Presidente Kimball, poderia abençoar-me?”

Ele perguntou: “Você quer uma bênção como a que dou a nosso povo?”

Então, ele e os outros dois presidentes colocaram as mãos sobre a minha cabeça, e o Presidente Kimball, de uma forma sincera e louvável, orou por mim, pronunciando meu nome. Pediu ao Senhor que ficasse perto de mim e me desse seu amor, cuidado e orientação. Enquanto ele orava, fiquei emocionado, e subitamente senti algo maravilhoso e disse-lhe: “Senhor, ele está aqui; sinto a sua presença.”

Depois disso, despedimo-nos. Ao partir naquela manhã, senti sair de mim o peso que me oprimia e descobri a resposta à minha dificuldade. Havia-me dirigido ao Senhor e ele respondera; tinha clamado seu nome e ele me disse: “Estou aqui.”

Norman Vincent Peale, preeminente líder religioso americano, é pastor da Igreja Marble Collegiate, de Nova Iorque. O artigo acima foi extraído, com permissão, de um discurso proferido pelo rádio, em 27 de abril de 1975.

